

OTTO DOV KULKA

Paisagens da Metrópole da Morte

Reflexões sobre a memória e a imaginação

Tradução

Laura Teixeira Motta



Copyright © 1984, 2006, 2013 by Otto Dov Kulka
Publicado em inglês na Grã-Bretanha pela Penguin Books Ltd.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Landscapes of the Metropolis of Death: Reflections on Memory and Imagination

Capa

<completar>

Foto de capa

<completar>

Preparação

Paula Colonelli

Revisão

Jane Pessoa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kulka, Otto Dov

Paisagens da metrópole da morte: reflexões sobre a memória
e a imaginação / Otto Dov Kulka; tradução Laura Teixeira Motta.
— 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Título original : Landscapes of the Metropolis of Death: Reflec-
tions on Memory and Imagination.

ISBN 978-85-359-2425-1

1. Auschwitz (Campo de concentração) 2. Guerra Mundial,
1914-1918 - Narrativas pessoais 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Pri-
sioneiros e prisões - Alemanha 4. Holocausto judeu (1939-1945) -
Influência 5. Kulka, Otto Dov I. Título.

14-01782

CDD-940.5318

Índice para catálogo sistemático:

1. Holocausto judeu: Guerra Mundial, 1939-1945: História 940.5318

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Introdução</i>	11

PAISAGENS DA METRÓPOLE DA MORTE

1. Um prólogo que também poderia ser um epílogo	17
2. Entre Theresienstadt e Auschwitz	29
3. A liquidação final do “campo das famílias”	48
4. Outono de 1944: Auschwitz — Metrópole Fantasma	55
5. Observações e perplexidades sobre cenas na memória	61
6. Três poemas do umbral da câmara de gás	74
7. Jornada à cidade-satélite da Metrópole da Morte	79
8. Paisagens de uma mitologia particular	96
9. Rios que não podem ser atravessados e a “Porta da Lei”	103
10. Em busca da história e da memória	108

TRÊS CAPÍTULOS DOS DIÁRIOS

11. Sonho: Praga dos judeus e a Grande Morte	113
12. Dr. Mengele congelado no tempo	119
13. O pesar de Deus	123

Apêndice: Gueto em um campo de extermínio:

<i>História social dos judeus no período do Holocausto</i> <i>e seus limites finais</i>	133
--	-----

<i>Lista das ilustrações</i>	147
------------------------------------	-----

<i>Notas</i>	151
--------------------	-----

1. Um prólogo que também poderia ser um epílogo

O começo desta jornada — não sei aonde ela vai me levar — é bem prosaico, rigorosamente rotineiro: uma conferência científica internacional na Polônia, em 1978, na qual eu era um dos vários israelenses participantes. O evento foi patrocinado pelo Comitê Internacional de Ciências Históricas, especificamente a seção sobre história comparada das religiões. Nosso grupo consistia em um medievalista, um especialista nos primeiros tempos da história moderna e eu, especialista em era moderna, além de outro historiador a quem os poloneses recusaram a entrada porque ele era ex-cidadão polonês e “traíu sua pátria” ao emigrar para Israel. A conferência decorreu como costumam decorrer todas as conferências. É verdade que minha palestra foi inovadora e despertou um interesse considerável,¹ mas isso passou. Depois os anfitriões do evento organizaram viagens a partes distantes do país: a Cracóvia, a Lublin e aos lugares bonitos destinados aos turistas. Eu disse a meus colegas que não iria com eles; seguiria um roteiro pessoal e visitaria Auschwitz. Ora, um judeu visitar Auschwitz não era nada especial, embora na época não estivesse na moda, como agora.

Um dos meus colegas, o medievalista, que eu conhecia já havia uns bons anos da área de nosso trabalho acadêmico, me aconselhou: “Quando for a Auschwitz, não fique no campo principal, que é uma espécie de museu. Já que está indo, vá a Birkenau — lá é o verdadeiro Auschwitz”. Ele não perguntou se eu tinha alguma ligação com o lugar. Se tivesse perguntado, eu teria respondido. Não negaria. Mas ele não perguntou, eu não respondi, e fui.

NA ESTRADA PELO RIO DO TEMPO

Eu queria pegar um trem, mas não havia passagens disponíveis. Por isso, fui de avião para Cracóvia. Lá peguei um táxi, uma antigualha desbotada, e pedi ao motorista que me levasse a Auschwitz. Não era sua primeira viagem ao local; ele já havia levado turistas estrangeiros para lá. Eu falava polonês, e nem sequer era um polonês muito rudimentar, em parte era o que eu tinha aprendido daquele tempo e em parte o que aprendera na universidade, e minha base de tcheco também ajudou. Seguimos, e o motorista tagarela matraqueou que seu carro tinha sido roubado e depois devolvido; passamos pelo rio Vístula [Wisła] enquanto ele me contava sobre o “*Wisła zła*”, que significa “Vístula malvado”, que transborda e inunda o campo carregando pessoas e gado. Passamos por estradas mais ou menos pavimentadas, por crateras no asfalto, e gradualmente fui parando de responder. Parei de prestar atenção no que ele dizia. Prestei atenção naquela estrada. De repente me surgiu a sensação de já ter estado naquelas paragens. Eu conhecia as placas, as casas. É verdade que a paisagem era diferente, uma paisagem noturna de inverno — especialmente naquela primeira noite, mas também uma paisagem diurna —, e compreendi algo que não estivera em meus planos: que eu estava seguindo na direção oposta pela estrada que me levou, em 18 de janeiro de 1945 e nos dias seguintes, para fora daquele complexo

que eu tinha a certeza, que todos nós tínhamos a certeza, de ser um complexo do qual ninguém jamais saía.

A JORNADA NOTURNA DE 18 DE JANEIRO DE 1945

Essa jornada tem muitas faces, porém uma face, talvez uma cor, uma cor noturna, ficou preservada com uma intensidade que excede todas as outras, que se identifica — aquela intensidade, ou aquela cor noturna — com aquela jornada, depois chamada de “marcha da morte”. Foi uma jornada para a liberdade; foi uma jornada na qual saímos por aqueles portões que ninguém jamais imaginara que transporíamos.

O que me recordo dessa jornada — na verdade, eu me recordo de tudo, mas o que é dominante — é, como já disse, uma certa cor: uma cor noturna de neve por todo lado, de um comboio muito longo, preto, movendo-se lentamente, e de repente — manchas negras à beira da estrada: uma grande mancha negra, e depois outra grande mancha negra, e outra mancha...

De início fiquei inebriado com a brancura, com a liberdade, com ter deixado para trás as cercas de arame farpado, com aquela paisagem noturna vasta e aberta, com os vilarejos por onde passávamos. Depois olhei com mais atenção para uma das manchas negras, e para outra — e vi o que eram: corpos humanos. As manchas se multiplicavam, a população de cadáveres aumentava.

Fui exposto a esse fenômeno porque, conforme a jornada prosseguia arrastada, minhas forças foram decaindo, e me vi ainda mais próximo das últimas fileiras, e naquelas últimas fileiras qualquer um que vacilasse, qualquer um que ficasse para trás era fuzilado e se tornava uma mancha negra à beira da estrada. Os tiros ficaram mais frequentes, e as manchas proliferaram até que, milagrosamente, inesperadamente — pelo menos para nós —, o comboio parou na primeira manhã.

Não descreverei essa marcha da morte agora, nem como escapei nem todo o resto. Descrevi aqui apenas uma associação que emergiu da tagarelice do motorista de Cracóvia, do rio Vístula que transbordava, que serpenteava por todos aqueles caminhos que me aproximavam mais e mais de lugares que eu reconheci. Eu os reconheci como se estivesse numa espécie de sonho. Talvez não os reconhecesse e apenas imaginasse que reconhecia, mas isso não tem importância. Eu me calei, e por fim pedi a ele que também fizesse silêncio.

Chegamos, e perguntei se ele conhecia o caminho, não para os museus — não para Auschwitz — mas para Birkenau.

O PORTÃO DE TIJOLOS VERMELHOS DA METRÓPOLE. AS
PAISAGENS DE SILÊNCIO E DESOLAÇÃO DE HORIZONTE
A HORIZONTE. O ENTERRO DE AUSCHWITZ

Chegamos àquele portão, o portão de tijolos vermelhos com a torre, debaixo da qual os trens passavam. Eu o conhecia bem

demais. Pedi ao motorista que esperasse do lado de fora do portão. Não queria que ele entrasse ali. Era um dia chuvoso de verão, não de chuvarada, mas de uma garoa importuna que pairava implacavelmente e saturava o ar com uma mistura de névoa e uma visibilidade úmida, silenciosa — até onde uma garoa importuna como aquela podia ser silenciosa.

Depois que ele estacionou, caminhei ao longo dos trilhos, em meio aos trilhos, onde agora crescia grama, atravesssei aquele portão, pela segunda vez — mas naquele dia a pé, sob a minha própria névoa. Fui a um lugar no qual sabia onde estava pisando. Era um dos campos que deveria estar lá, só que no lugar do campo, de horizonte a horizonte, viam-se fileiras — florestas — de chaminés de tijolo remanescentes dos alojamentos que tinham sido desmontados e haviam desaparecido, e pilares de concreto periclitantes, cada um tombando numa direção, e tiras enferrujadas de arame farpado, deste e daquele lado — algumas imóveis, outras rastejando pela grama úmida — a grama úmida encharcada —, de horizonte a horizonte.

E o silêncio. Um silêncio esmagador. Nem ao menos o som de um pássaro se ouvia ali. Ali havia mudez, havia vazio. Havia assombro porque aquela paisagem — que já fora tão densamente apinhada de pessoas, como formigas, de exércitos de escravos, de filas de pessoas seguindo pelas trilhas — estava silenciosa. Estava deserta. Mas estava tudo lá: havia a floresta de pilares de concreto — quase se podia vê-los orgulhosos e eretos, com aqueles arames farpados tesos, como no dia em que entramos, à noite — como naquela noite iluminada com um cortejo de luzes que passou sobre nosso rosto quando o trem entrou vagorosamente naquele “corredor de luzes, na Metrópole da Morte”.

Mas já não era a Metrópole da Morte que fora. Era uma paisagem muito melancólica. Uma paisagem impregnada de desolação. Mas estava tudo lá, embora a uma espécie de distância. A uma distância feita de desolação, mas muito aguda. Tão aguda quanto naquele dia — não, não era tão inocente. Não era mais uma paisagem da infância, era uma paisagem de — não quero dizer essa palavra —, mas era uma paisagem de cemitério, o enterro de Auschwitz. Auschwitz estava enterrado. Enterrado, mas ainda assim amplo, como uma espécie de vasto cemitério de horizonte a horizonte. Mas estava tudo lá, e eu, pelo menos, era capaz de reconhecer.

NAS RUÍNAS DO “BLOCO DOS JOVENS E DAS CRIANÇAS” E DO “BLOCO DO HOSPITAL”

O primeiro lugar aonde meus passos me levaram por aquela grama foram os alicerces do bloco dos jovens e das crianças, o centro cultural daquele campo único, sobre o qual falarei em outra oportunidade. Peguei um tijolo bolorento — um pedaço de tijolo — e o trouxe comigo.



3.

Fui seguindo de acordo com a numeração. Identifiquei o lugar segundo as filas de alojamentos cujos alicerces se erguiam em um renque, e eu sabia que aquele era o bloco 31. Dali me dirigi para outro conjunto em outro lugar, onde ficava o bloco do hospital, o bloco onde o famigerado dr. Mengele fazia seus experimentos, onde eu tinha sido paciente durante um tempo, com difteria, e, paradoxalmente, aquela doença que então parecia fatal acabara salvando minha vida. Ali também pela primeira vez absorvi uma generosa porção da herança cultural europeia, transmitida por um prisioneiro moribundo. Ao garoto que ele acreditava que iria... que talvez conseguisse sair de lá. E que de fato saiu de lá, e levou aquilo consigo. (Mas também a respeito disso falarei em outro capítulo.)

Já era o suficiente para a visita a esses dois lugares em que eu realmente havia estado, dois prédios em que eu entrara naquela época, onde vivi naquela época, nos quais absorvi o que absorvi, e que permaneceram comigo.

O CAMINHO PARA O LUGAR DA TERCEIRA DESTRUIÇÃO — “PROMETEU NO HADES”

De lá, o caminho para o terceiro lugar era inevitável, o lugar onde pareço viver e permanecer sempre, desde aquele dia até este, e sou mantido em cativeiro ali em prisão perpétua, atado, acorrentado com correntes que não podem ser abertas. Não fosse tão lancinante, eu diria “como Prometeu acorrentado”. Mas sou uma criança, afinal de contas, que foi presa com essas correntes quando criança e permaneceu presa a elas em cada etapa de seu crescimento.

Digo que fui preso e permaneci preso, ou acorrentado, mas isso porque nunca estive lá, porque meu pé nunca pisou naqueles pátios, dentro daqueles prédios. Eu os rodeava como a mariposa rodeia a luz, sabendo que cair lá dentro era inevitável, e mesmo assim eu continuava rodeando do lado de fora, querendo ou não querendo — não dependia de mim —, todos os meus amigos, as borboletas, nem todos eles, mas quase todos, estiveram lá e de lá não saíram.

OS CÍRCULOS DA VOLTA À (E DA) METRÓPOLE DA MORTE

O lugar aonde fui, obviamente, era o lugar dos crematórios. Cheguei primeiro ao nº II, creio. Ele foi explodido pelos nazistas, assim como o nº I, defronte, e ambos estavam parcialmente preservados. Havia arbustos e árvores crescendo desordenadamente naquelas ruínas. Dali peguei um pedaço de um segundo tijolo, preto e fuliginoso. Fui então até o crematório nº I, cuja câmara de gás subterrânea não foi destruída quando o explodiram. As escadas que desembocavam nela ainda existem, e o telhado de concreto que desabou, como as costas de um tigre ou uma onda do oceano, jazia por cima dela.



4.



5.

Avancei pelo caminho que nunca tinha percorrido e desci, como naqueles sonhos recorrentes no qual eu descia aquela escada junto com todos os meus amigos e as pessoas chegadas. É o sonho que sempre me leva de volta para lá, quando sei que não há maneira de evitar aquele lugar, que todos estão fadados a chegar ali porque é uma lei inalterável do lugar, da qual não há como escapar, e não há chance para a fantasia que conjuramos sobre libertação e fim, como alegres fantasias infantis, pois uma lei férrea conduz todos para lá, e de lá ninguém irá escapar.

Eu também sabia, porque uma noite todos morreram e eu restei, sabia que no último instante eu seria salvo. Não por nenhum mérito pessoal, mas graças a algum tipo de destino inexorável. Aquele sonho noturno sempre me traz de volta à mesma lei imutável pela qual eu acabo dentro do crematório e, por algum caminho indireto, por canais de águas escuras, por trincheiras e aberturas ocultas, cavo sob o arame farpado e alcanço a liberdade e subo em um trem, e, à noite, em uma estação desolada, um alto-falante chama meu nome, e sou devolvido ao lugar que estou destinado a alcançar: o crematório. E por mais que eu saiba que devo ser capturado, sempre sei também que devo ser poupado. É uma espécie de círculo, o círculo de Tântalo ou Sísifo, ou de qualquer mito cabível aqui que se prefira invocar, que retorna interminavelmente em um círculo vicioso ao mesmo lugar.



6.

Decidi descer aquelas escadas. Sabia que primeiro precisava subir naquela onda quebrada do telhado. Escalei-a e atravessei-a em toda a sua extensão, esperei um tempo ali, e finalmente desci a escadaria que desembocava lá embaixo. Desci degrau por degrau, no lugar por onde todos cujos nomes e imagens eu lembrava haviam descido, e todos — miríades e miríades — que eu vira ser engolidos em filas intermináveis nos crematórios, e depois imaginei como ascenderam em fogo e chamas para o céu noturno iluminado acima das chaminés. Finalmente cheguei ao fundo. Era impossível entrar na câmara de gás propriamente dita, pois o teto tinha desabado por cima dela e bloqueado a entrada. Por isso dei meia-volta, finalmente, e devagar subi aqueles mesmos degraus.

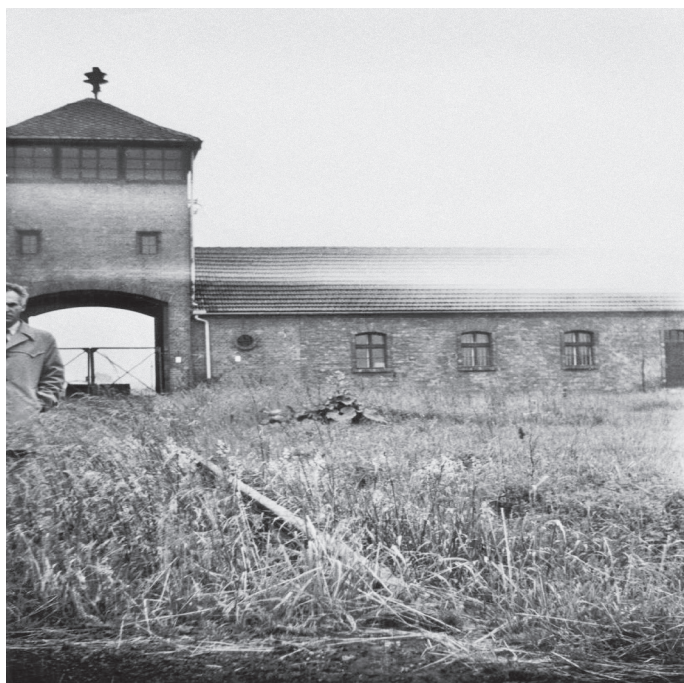
O CAMINHO DE VOLTA

Emergi das ruínas e segui para a saída de Birkenau, pelo mesmo portão de tijolos por onde tinha entrado. Fui até o motorista e sem uma palavra entreguei a ele minha velha câmera Leica, que me acompanhara durante a estada naquelas paisagens. Ele tirou uma foto do portão com suas portas de malha de ferro, e, diante dele, eu cortado ao meio.

Depois, sem dizer uma palavra, deixamos aquele lugar.

No avião, que sacudia para a frente e para trás — era um avião pequeno —, escrevi umas doidices no diário que trago sempre comigo. Escrevi-as também numa carta; não sei se a carta ainda existe.

Assim comecei a enfrentar meu retorno, não em um sonho, mas conscientemente, à Metrópole da Morte.



7.